

RITA VILELA

OS
DESCENDENTES DE
MERLIN

A DAMA DO LAGO

CL
BEIL
AS
OR



Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990.

© 2014, Rita Vilela
Direitos para esta edição:
Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título: *Os Descendentes de Merlin – A Dama do Lago*
Autor: Rita Vilela
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes,
em caracteres Aldine
Impressão: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-165-9
Depósito legal: 378171/14
1.ª edição: Agosto de 2014

www.clubedoautor.pt

À Andreia Vaz, à Ariana Silva, à Dália Santos,
ao Francisco Gonçalves, ao Gonçalo Leandro, à Inês Margarida,
à Maria Ramos, ao Pedro Garrido Alves, ao Pesco...

A todos os leitores que me motivam a escrever mais e mais,
com muito carinho e um grande obrigada.

Desde que, há três anos, os meus irmãos e eu conhecemos a Lina, uma descendente de Merlin, o mago, a nossa vida deixou de ser “normal”.

Passámos a ser fiéis, jurámos proteger a causa merliana, e foi no cumprimento dessa promessa que, nesse verão, invadi um monumento, desrespeitei regras, fui parar ao hospital, aprendi a conduzir, quase levei um tiro, cantei em público e pensei que nunca mais veria as pessoas de quem mais gosto...

Mas nem tudo foi duro nessa missão: ter oportunidade de descobrir segredos do passado foi espetacular; conhecer a verdade sobre Artur, Lancelot, Guinevere, e a mais bela história de amor de Camelot, foi muito especial; e saber que um dia poderei ter a mesma sorte... também não foi mau.

É esta aventura que vos trago agora, mas, não se iludam, apesar de na altura não passarmos de uns putos, este relato não é para crianças, os perigos que enfrentámos foram reais, e se agora me atrevo a falar neles é porque muita coisa já mudou e eu próprio já cresci.

A descendente que veio do Norte

Na estação de Sete Rios, o Rodrigo, a Dália e eu esperávamos impacientes pela camioneta.

A Lina, ou melhor, a Marcelina, como ela agora gosta de ser chamada, devia estar a chegar e nós os três estávamos mortinhos por lhe dar um abraço e por ouvirmos os segredos antigos, preservados por gerações de guardiães, que ela desta vez teria para nos contar.

Desde que, três anos antes, havíamos conhecido a Lina as nossas vidas tinham-se transformado. Os nossos pais notaram a diferença, fartavam-se de comentar como os seus três filhos tinham amadurecido naquele verão, mas nenhum deles suspeitava dos motivos. Como poderiam suspeitar? Se até a mim, que estive lá, ainda me custa a acreditar. E se não fosse os meus irmãos terem também assistido ao que se passou, haveria dias em que duvidaria de tudo e julgaria ter sonhado.

Mas não sonhei. O que recordo daquela aventura na aldeia da minha avó aconteceu mesmo. Os meus irmãos

e eu fomos escolhidos, e agora temos os três uma missão: proteger e apoiar a mais nova descendente da única filha do grande mago Merlin... que deve chegar na próxima camioneta.

Por momentos ocorreu-me que o motivo da vinda da Lina podia ser um sinal de que a visão da avó dela se concretizara. “Esquece lá isso!”, disse para mim próprio, “não sejas agoirento!”

O Rodrigo apareceu a correr, interrompendo-me os pensamentos.

– Afinal já não é na linha quatro, dizem que é na doze e que já chegou.

Corremos para a camioneta estacionada na linha número 12, os passageiros retiravam as bagagens, havia muita gente ali à volta, mas ninguém do tamanho da nossa amiga.

– Lina – chamei, em voz alta, na esperança de que ela estivesse por perto e me conseguisse ouvir.

Em resposta à minha voz, uma rapariga dobrada sobre as malas virou-se e eu reconheci-a.

Como estava diferente, crescera imenso no último ano, estava quase da altura do Rodrigo. Agora usava o cabelo comprido, vestia umas calças de ganga justas e uma *T-shirt* que realçava um peito que eu não me recordava de existir da última vez. A Lina estava “cinco estrelas”.

Enquanto eu processava as mudanças, o meu irmão agia, e já a abraçava e cobria de elogios.

– Estás fabulosa! – comentou pela sexta vez.

– Que roupa gira – acrescentou a Dália.

E eu continuava ali, de boca aberta, feito parvo, a olhar para ela, quando a Lina tomou a iniciativa de se abraçar a mim.

– É tão bom estar aqui. Morria de saudades vossas.

– E nós, então, nem imaginas! Ser fiel longe da sua guardiã é como ser um peixe fora de água, mal conseguimos respirar! – O meu irmão tinha alguma tendência para o exagero, mas ela achou-lhe graça.

– Bem, vamos andando. Tenho o carro lá fora – disse eu, orgulhoso.

– É a primeira vez que o pai lhe empresta o carro. Tirou a carta a semana passada – explicou a Dália.

Lancei à minha irmã o meu olhar crítico número um, que ela ignorou, e as provocações continuaram.

– Não tenhas medo, Lina, já mandámos desviar o trânsito na autoestrada para ele não bater em ninguém... Assim, praticamente não corres riscos!

No arranque, deixei o carro ir uma vez abaixo e a Dália aproveitou logo para dizer mais uma piada:

– A culpa é do carro, recusa-se a andar com condutores novatos... é um sistema de proteção.

Corei até às orelhas e falhei a segunda tentativa de arranque. À terceira fui bem-sucedido e lá seguimos todos, com a Lina no lugar de honra, à frente, onde conseguia ver bem quando a minha cara mudava de cor. Mas, felizmente, de momento ela estava entretida a observar, pela janela, os animais do viaduto de Sete Rios.

– É a primeira vez que vens a Lisboa? – perguntei, pois não estava acostumado a que as pessoas olhassem com tanta atenção para painéis de azulejos.

Ela confirmou que sim.

– Luís, temos de mostrar a cidade à Lina. E se fôssemos pela Baixa e depois déssemos um salto até Belém? – sugeriu o Rodrigo, que adora pastéis de nata.

Era a primeira vez que eu conduzia sozinho, e uma coisa era apanhar a autoestrada, outra era meter-me no meio do trânsito de Lisboa, com rotundas, com ponto de embraiagem e, acima de tudo, com uma irmã e um irmão prontinhos para criticar a minha condução à frente da nossa convidada. Não me apetecia.

– Mais logo – respondi. – A Lina deve estar farta de andar de carro e cheia de vontade de descansar e comer alguma coisa.

Virei à esquerda, por um caminho familiar, antes que ela dissesse que lhe apetecia fazer turismo. Superei com sucesso um arranque na subida antes de uns semáforos e pouco depois estava na autoestrada. E foi só aí, quando a paisagem se tornou mais repetitiva, que a Lina começou a falar.

– Trouxe-vos uma surpresa – declarou ela.

– Uma nova missão para estes fiéis fantásticos? – sugeri o meu irmão.

Ela abanou a cabeça, não era isso.

– Tiveste notícias da tua mãe? – arrisquei, sabendo que a mãe dela saíra do país para atrair os homens do Adamastor para longe da aldeia de Trás-os-Montes, onde deixara a Lina, a avó Marcelina e um conjunto de relatos mágicos escritos por gerações de guardiães da História, descendentes de Merlin como elas.

A Lina voltou a negar, desta vez com um ar triste. Depois de tantos anos, ela nem sabia se a mãe estava viva.

– Não, continuo sem saber nada.

– “Ainda”... Não sabes nada dela, “ainda”, mas ela vai dar notícias, aposto que vai – disse o Rodrigo para a animar.

A Lina agradeceu-lhe com um sorriso.

– Será que a surpresa é um relato? Será do Merlin? – arrisquei.

– Não, é da filha mais velha, Mirlen, e é sobre um tema que sei que vão gostar... Camelot. No relato, ela conta a verdadeira história do amor de Guinevere, a rainha, e Lancelot, o primeiro cavaleiro... É lindo!

– Boa! – gritou o Rodrigo. – Luís, podes ir um bocadinho mais depressa? A esta velocidade somos capazes de só chegar a casa amanhã, e eu gostava mesmo de conhecer a história ainda hoje – brincou.

– Cala-te – disse-lhe, pois já estava a ficar farto das piadas deles. Depois, virei-me para a Lina com uma dúvida, pois, com base no que já conhecia, ficara com a ideia de que a Mirlen só estivera uma vez em Camelot: – Mas ela assistiu ao romance deles?!

– Não assistiu, este relato não é como os outros que já conhecem. Os manuscritos mágicos mais comuns são testemunhais, há um episódio marcante que é apresentado, na primeira pessoa, pelo guardião da História que o presenciou, e quem o lê é transportado para um transe mágico em que irá viver as situações guardadas naquele texto, com todo o detalhe e realismo... como se fosse o guardião no momento em que aquilo aconteceu. Mas existe outro tipo de relatos, os indiretos, aqui, o guardião conta-nos o que sabe, não o que testemunhou, e aquilo que o leitor recebe é uma construção feita pelo seu autor, com base no que ele conhece, no que ouviu, no que imagina e no que sente.

– Nos testemunhais vemos o vídeo com as imagens reais, captadas no local, sem tratamento. No indireto assistimos a um filme feito em estúdio. É essa a ideia? – perguntei.

– Se lhe juntares a ilusão de que estás mesmo lá, a sentir as emoções e a ter os pensamentos de quem escreveu o relato, sem te lembrares de quem és na realidade... é mais ou menos isso, sim.

– Boa! Afinal o cinema 4D... ou 5D – corrigiu o Rodrigo – foi inventado pelo Merlin, os seus descendentes foram os primeiros repórteres e realizadores do planeta Terra, e o Adamastor, a organização que persegue todos os descendentes de Merlin, quer roubar a “tecnologia” para fazer os seus próprios filmes...

– Ele nunca conseguirá criar relatos mágicos, a magia necessária transmite-se pelo sangue, só os descendentes de Merlin o podem fazer. Mas se apanhar os manuscritos, e aprender a lê-los, pode pôr em transe quem ele quiser, populações inteiras, durante o tempo que desejar... Terá imenso poder.

– Até hoje, apesar do que já fez, nunca o conseguiu... nem vai conseguir! Vocês, os guardiães da História, nunca lhe darão o que pretende – acrescentou o meu irmão. – Não é, Lina?

Ela concordou e eu estremei ao recordar que havia um não guardião que dominava uma parte importante daquilo que o Adamastor pretendia saber... Eu era o elo mais fraco daquela cadeia, e, se me torturassem para revelar esse segredo, não podia garantir nada. Eu não tinha a coragem dos descendentes de Merlin...

– Mas e se ouvíssemos o que a Lina trouxe para nós – sugeri, pois não queria continuar a pensar nisso.

– Antes do relato, Mirlen começa por fazer uma introdução. Se quiserem, posso contar já essa parte, que ajuda a perceber o resto.

– Siiiiimmm – dissemos todos ao mesmo tempo, e ela começou:

Regressei a Camelot para testemunhar, e preservar para memória futura, um episódio marcante, a última batalha do mais notável de todos os reis: Artur.

Uma visão disse-me onde iria acontecer, e porque fui eu que tive essa visão, coube-me a mim, e não a um dos meus irmãos, regressar ao local que foi durante muitos anos a casa do meu pai: o poderoso mago Merlin.

Não empreendi essa viagem para evitar a morte desse grande rei, aos Guardiães da História não cabe interferir, apenas registar. Mas, ao cruzar aqueles portões de ferro, e ao entrar dentro das muralhas que conhecera na companhia de Merlin, não esperava encontrar testemunhos de uma outra história igualmente marcante, uma história de coragem, de amor, de lealdade...

A protagonista dessa história não nasceu do meu pai, nem da minha mãe, mas Merlin gostava dela como se tivesse nascido... o seu nome é Guinevere, foi rainha de Camelot, mas muitos conhecem-na apenas por "Dama do Lago".

Porque escolhi preservar a sua história e não outra qualquer? Talvez porque acredito que a melhor homenagem que podemos prestar a seres humanos únicos é partilhar a verdade sobre o que fizeram, para que gerações vindouras se possam inspirar naqueles que foram grandes sem o parecerem, e não julguem os seus atos de forma leviana. E também porque, confesso, quando olho para a Guinevere, gosto de pensar nela como se na realidade fizesse parte da família, como se fosse a primeira dos descendentes do meu pai.

– Espetáculo! – disse o Rodrigo, com os olhos a brilhar.

A casa estava vazia quando chegámos, o pai fora dar formação aos Açores e só voltava dali a 15 dias e a mãe ainda não regressara do trabalho.

– Grande sorte! – comentou o meu irmão, dirigindo-se à sala e fazendo-nos sinal para seguirmos atrás dele. – Agora, Lina, conta-nos lá, tal e qual, com as palavras de Mirlen, tudo o que se passou, usando a tua memória fantástica? – Todos sabíamos que a memória fotográfica dela, ao contrário da nossa, lhe permitia fazer isso.

Imaginei que a Lina tivesse fome, e achei melhor passarmos primeiro pela cozinha, para preparar um lanche, antes de abancarmos no sofá a ouvir a história que a nossa amiga nos trouxera.

O Rodrigo, que adora crepes, ofereceu-se para os fazer, eu preparei o molho de chocolate e fui ao frigorífico buscar amoras que tínhamos apanhado no último passeio em Sintra, enquanto a Dália tratava do batido de banana.

A aparência da Lina mudara muito, mas o seu apetite mantinha-se o mesmo, e depois de acabar com os crepes, conseguiu fazer desaparecer uma sandes de queijo, uma pera-rocha e duas nectarinas.

Ainda a mastigar o resto de última nectarina, a Lina perguntou:

– Lembram-se que Guinevere era descendente de uma família nobre caída em desgraça, e vivia sozinha numa cabana junto a um lago? E recordam-se que, para a proteger dos aventureiros e bandidos, Merlin inventara que ela tinha

uma doença contagiosa, o que a obrigava a viver fechada na cabana e a só sair de lá com vestes que lhe cobrissem todo o corpo, para que ninguém percebesse que era bonita e saudável? E lembram-se ainda que era depois de o sol desaparecer que ela, oculta pela escuridão, aproveitava para nadar no lago?

– Sim, lembramo-nos disso – reconheci, em nome de todos.

– Então estão prontos para perceber o resto.

A caça ao monstro

O ritual era sempre o mesmo, assim que o dia começava a desaparecer, ela despojava-se das vestes, abria o alçapão do fundo da cabana e amarrava uma espécie de pés de pato feitos de madeira flexível aos seus próprios pés. Em seguida, mergulhava as pernas dentro daquele lago, balançava-as durante um bocadinho, e só então, assentando todo o peso nos dois braços, dava balanço e mergulhava naquele buraco negro. Aquele momento não era agradável, a água fria arrepiava-a, roubava-lhe o fôlego, mas por outro lado era estimulante, fazia-a sentir-se viva.

Nessa altura, ela tinha de vir à tona para respirar e só depois de encher os pulmões mergulhava de novo e nadava com vigor. Então, todo o desconforto desaparecia e desfrutava a sensação de liberdade que lhe era negada durante o dia... e ela precisava disso para sobreviver.

O lago era a sua casa, dava-lhe comida, proteção, ali era dona de si mesma, e não precisava de mais nada.

Ora numa dessas noites, em que a lua estava cheia, enquanto nadava, reparou num homem com trajes de cavaleiro do rei que, sentado na margem, olhava o céu.

Escondeu-se na vegetação e ficou a observá-lo, viu-o despir-se com calma, espreguiçar-se. Era um homem bonito, bem proporcionado, e os seus movimentos, elásticos, felinos.

Então ele começou a correr e atirou-se para o lago, de cabeça, de uma só vez. Guinevere ouviu o grito que libertou quando veio à superfície e divertiu-se a vê-lo brincar com a água, com espalhafato. Com a mesma rapidez com que entrara, ele voltou à margem, saltou, sacudiu-se, correu em círculos. Naquele momento o ar felino desaparecera e o seu comportamento fazia lembrar mais o de um cachorro jovem acabado de sair do banho.

Depois voltou a vestir-se e partiu a correr.

Guinevere ficou a vê-lo muito tempo depois de ele ter partido. De cada vez que fechava os olhos lá estava ele a provocar uma tempestade naquele lago calmo, lá estava ele a espreguiçar-se, com aquele cabelo e barba muito curtos que dava vontade de afagar...

A rapariga não o conhecia, nunca o vira, mas ficou com o desejo de o ver de novo.

Lancelot já estava a chegar ao castelo quando se deu conta de que lhe faltava uma coisa, o pequeno amuleto que guardava no bolso tinha desaparecido. Decidiu voltar ao lago onde acabara de tomar banho, pensando ter-se esquecido dele lá. E foi quando se aproximou da margem que reparou num movimento dentro de água. O que seria aquilo?

interrogou-se. Era grande demais para ser um peixe, à luz da lua parecia esbranquiçado e movia-se com rapidez.

Lamentou não ter tempo para investigar melhor, mas teria de render um companheiro que ficara de guarda e já estava atrasado. Encontrou o amuleto perdido e voltou ao castelo, fazendo planos para descobrir que tipo de monstro habitaria aquelas águas.

Lancelot só conseguiu regressar ao lago três dias depois e, embora passasse uma tarde a observá-lo enquanto se exercitava no manejo da espada, nenhum movimento suspeito se destacou naquele espelho de água. Poderia ter desistido, mas não o fez, o cavaleiro era um homem persistente e a sua curiosidade fora atizada. Seria possível que algum tipo de animal lendário habitasse aquele lugar? Decidiu esperar a chegada da noite, da mesma hora que, noites atrás, escolhera para se banhar.

A lua desta vez estava oculta pelas nuvens, quase nada se via, por isso optou por fechar os olhos e escutar. Um som distante despertou-lhe os sentidos, aguçou o ouvido e percebeu que, de vez em quando, havia uma batida, como se a água mexesse. Mas não era o som do peixe que salta e volta a cair, não, aquilo era diferente, maior. E foi então que sentiu, clara, a pouca distância, uma respiração sôfrega. Abriu os olhos e não viu nada, o som desaparecera e nessa noite não regressou.

Já era tarde, Lancelot retomou o caminho do castelo convencido de que, animal ou monstro, havia algo naquele lago e ele ia descobrir o que era. Durante todo o caminho de regresso aproveitou para refletir sobre a melhor forma de o capturar. Já conhecia a hora em que abandonava o covil, não deveria ser difícil apanhá-lo.